

Bancos acumulam reservas

Paris — Desde que explodiu o problema de dívida, em 1982, a maioria dos bancos credores da América Latina, acumulou reservas que permitirão enfrentar empréstimos incobráveis, suportar uma moratória ou perdoar uma parte dos créditos sem afetar seu patrimônio, segundo se depreende de vários estudos especializados publicados nos últimos meses.

Até há pouco tempo, existia um rigoroso segredo sobre o nível de reservas das grandes instituições financeiras. No entanto, se pode estabelecer um quadro relativamente preciso sobre a recomposição das carteiras creditícias efetuada nos últimos cinco anos através de um confronto entre diferentes estatísticas publicadas pela associação de bancos dos Estados Unidos, pelo Banco Internacional de Repagamentos, (BIR), pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e por uma recente análise de risco divulgada pelo International Risk Institute (IRI).

Entre os principais países credores, os Estados Unidos contam com US\$ 76 bilhões de risco bancário, que representam 25% dos ní-

veis de reserva; o Japão tem US\$ 31 bilhões, 7% das reservas; a Inglaterra, US\$ 29 bilhões ou 23% das reservas, a França, com US\$ 21,5 bilhões — 40% das reservas; Alemanha Federal, US\$ 18 bilhões — 52%, Canadá, 16,6 bilhões — 38%, e Suíça 6,5 bilhões ou 40% do nível de reservas.

As carteiras mais sólidas correspondem aos bancos médios e pequenos, que tem coberto aproximadamente 50% dos empréstimos concedidos a América Latina. A taxa de cobertura das grandes instituições, em compensação, gira em torno de 25%.

Esse fenômeno quase generalizado começou nos meados de 1982, quando ocorreu o primeiro alerta provocado pela moratória unilateral declarada pelo México e se intensificou a partir de 1987, após uma decisão semelhante adotada pelo Brasil.

Além de continuar recebendo o pagamento dos juros, os bancos aumentaram o capital, sanearam suas carteiras — através do mercado secundário ou de simples troca de dívida entre credores — e fortaleceram suas reservas.